2 Brasilia, quinta-feira, 23 de julho de 1987 CORREI O BRAZILIENS E k.< ***\Jl POLÍTICA

Crise na Sudene irrita PFL
O partido quer que Sarney exija uma definição do PMDB

WÊm-::-.^:i,^vm^A: "'X-.í*:•:.;•;••.•.'•;•....

Marco Maciel vai a Sarney defender o ministro Joaquim Francisco

P0DER&P0L1TIC0S

Um passo arriscado
A

firmar que o Governo não foi derrotado na
convenção nacional do PMDB é tentar es-
conder o sol com uma peneira. O Governo
foi derrotado desde o momento em que ignorou
um compromisso firmado com a cúpula do
PMDB e partiu para um confronto, no voto, ten-
tando abrir à luz do sol uma votação que teria de
ser secreta, para um partido que protestou justa-
mente contra as votações em aberto a que o sis-
tema militar submetia a Arena e depois o PDS.

O Governo pagou para ver, julgando que pos-
suía o necessário cacife para isso. Como se veri-
ficou pela votação em que a preliminar do voto
em aberto foi colocada, perdendo, não tinha vo-
tos em quantidade para provocar o confronto. O
erro tático do Governo afastou dele a maioria es-

magadora dos governadores, que preferiu cer-
rar fileiras com Ulysses Guimarães, o presiden-
te do partido, a correr riscos.

O Presidente tem razão quando diz a alguns de
seus interlocutores que a cúpula do PMD B e os
governadores preferiram deixar indefinida a
questão do mandato para mantê-lo sob controle.
Mas esta é uma realidade que não está em seu
poder resolver, pelo menos no atual momento.
Não lhe restava outra alternativa senão mante r

o acordo com Ulysses de forma a remete r man-
dato e sistema de governo par a a competente de-
cisão do foro próprio, que é a Constituinte.

Quando desrespeitou o acordo firmado com
Ulysses, Sarney assumia atitude de desafio, pro-
curando saber se a maioria dos seus aliados,
diante de uma decisão de vida e de morte, ficaria
com ele ou com Ulysses. Como se viu, eles prefe-
riram ficar com o comando partidário.
Partir para o confronto logo na preliminar do
voto secreto ou aberto foi um erro tático. O líder

do Governo, Carlos SanfAnna, justifica-se, sus-
tentando que tinha necessidade de saber com
quem contava. Ora, os governadores tiraram-lhe
muitos votos quando a questão foi colocada em
termos de ou dá ou desce.

O escore foi de 477 pelo voto secreto e apenas
270 pelo voto em aberto. Muitos dos que acompa-
nharam SanfAnna com grande fidelidade prefe-
riram ficar com os governadores e a cúpula par-
tidária para não correr també m o risco de um a
vitória do grupode Covas. O Presidente e seus
amigos poderão até reformular a base de susten-
tação do Governo, ma s será um erro se isso for
feito à custa de um novo conflito com o PMDB.

Se o Governo vai ruim com o PMDB, pior ira
sem ele O Presidente da República está tão as-
soberbado de dificuldades que não pode se dar ao
luxo de correr esse risco. Seria um a temeridade.

Ampliar o número de aliados é desejável, ma s
esses novos e fiéis amigos vão exigir natural-
mente razoáveis nacos de poder que já estão ra-
teados entre os atuais amigos.
Depois dos estragos que sofreu, o Governo,
após os frustrantes resultados da convenção na-
cional — pelo.menos para o Presidente e seus
amigos — o mais aconselhável seria fazer curati-
vos nos ferimentos. E m outras palavras, trata r
de promover uma recomposição com Ulysses
Guimarães e as principais lideranças do partido.
A curto prazo, pelo menos, romper a aliança com
o PMDB para fazer um novo sistema de susten-
tação política com parlamentares desse partido,
o PFL e mais PTB, o PL, parte do PDS e outros
que se dispusessem a aderir ao pacto seria um
passo extremamente arriscado.

•TARCÍSIO HOLANDA

Dorany tem
planos para
o Nordeste
São Paulo — Mesmo se
fosse dobrado o volume de
incentivos fiscais previsto
para ser destinado este ano
ao Nordeste, ainda assim
seria insuficiente para
atender a demanda de em-
presas que desejam se ins-
talar na região. O comentá-
rio é do superintendente da
Sudene, Dorany de Sá Bar-
reto Sampaio, que esteve
ontem em São Paulo em
campanha pelo fortaleci-
mento do sistema de incen-
tivos ao Nordeste através
da carteira de ações do Fi-
nor — Fundo de Investi-
mentos no Nordeste, — cu-
jo presidente, Antônio Car-
los Frota, também o acom-
panhava.
Este ano a Sudene espera
arrecadar através do Finor
18 bilhões de cruzados. Es-
sa estimativa, entretanto,
só será confirmada à medi-
da em que forem apurados
no recolhimento do Impos-
to de Renda, quando as de-
duções forem destinadas
ao Finor.

"E preciso um redirecio-
namento disso. E preciso
aumentar esse percentual
em pelo menos 10 por cen-
to. Sobretudo porque o Go-
verno arrecada lá muito

mais do que devolve. Ê
uma questão de justiça fis-
cal", reclamou o superin-
tendente. Ele denominou
de "-demanda reprimida" o
fato de o Finor não ter re-
cursos suficientes para
atender a totalidade das
empresas que estão em im-
plantação dentro do prazo
desejado.
Apesar da carência de
verba, o interesse das em-
presas pelo Nordeste é
muito grande, segundo
Sampaio, "temos cerca de
mil cartas-consultas na Su-
dene aguardando análise e
aprovação a fim de se
transformarem em proje-
tos de implantação. E só
não podemos aprovar em
curto prazo porque a de-
manda é maior do que a ca-
pacidade de recursos". En-
tre essas empresas estão a
Toyota e a Iveco, indús-
trias do setor de veículos,
que pretendem implantar
suas filiais no complexo
portuário de Suape, em
Pernambuco, e que aguar-
dam ainda parecer do Con-
selho do Desenvolvimento
Industrial.

A prioridade de investi-
mentos da Sudene é na in-
dústria de alimentação.
Entre as 2 mil 300 empre-
sas já implantadas no Nor-
deste através do Finor es-
tão a Cica e a Etti, que, se-
gundo do superintendente,
encontraram melhores
condições de produção no
Nordeste do que no sul do

O presidente do PFL, se-
nador Marco Maciel (PE),
transmitirá hoje ao Presi-
dente da República a irrita-
ção partidária com a tenta-
tiva do PMDB, através do
superintendente da Sude-
ne, Dorany Sampaio, de
contestar a orientação do
ministro do Interior, Joa-
quim Francisco. O PFL di-
rá ao Presidente que aceita
manter a Sudene com o
PMDB, mas o superinten-
dente tem que ser enqua-
drado.

O ministro do Interior,
Joaquim Francisco, rece-
beu ontem, em seu aparta-
mento, o senador Maciel,
ministros e constituintes do
PFL para uma análise do
quadro político após a con-
venção do PMDB. A gran-
de maioria concordou em
que o Ministro está certo
em reclamar do comporta-
mento de Dorany e tem a
solidariedade do partido.

PARALELO

O líder do PFL na Consti-
tuinte, deputado José Lou-
renço (BA), advertiu on-
tem que o Governo não po-
de ficar como está. Há, na
prática, dois governos, um
chefiado pelo presidente
José Sarney e outro pelo
presidente do PMDB, Ulys-
ses Guimarães (SP), que
tem vários ministros sob
sua orientação. Esses mi-
nistros teoricamente per-
tencem ao Governo Sar-
ney.

O PFL, de acordo com
Lourenço, não pode convi-
ver mais com o setor do
PMDB que "continua no
palanque, fazendo demago-
gia e sem responsabilida-
des para com o Brasil". Es-
sa parte tem agido contra o
próprio Governo e é res-
ponsável pelo fim da Alian-
ça Democrática, hoje reco-

nhecido por quase todos.
Admite Lourenço que, no
futuro, o PFL componha-se
com os moderados do
PMDB e outros partidos. O
objetivo principal não será
apenas a sustentação do
Governo Sarney, mas sim a
criação de um partido de
centro-liberal que repre-
sentaria a maioria da Na-
ção.

FIRMEZA

O ministro Joaquim
Francisco recebeu ontem,
pela manhã, telefonemas e
visitas de dezenas de cons-
tituintes do PFL que o
apoiam na sua resolução de
exigir do superintentende
da Sudene o necessário res-
peito hierárquico.

A explicação de Joaquim
Francisco é de que não tem
nada de pessoal contra Do-
rany Sampaio, mas não po-
de continuar no cargo se
ele, exercendo uma função
que lhe é subordinada, des-
conhece totalmente sua
orientação. Acredita que,
nessas condições, o Minis-
tério do Interior acabará
servindo para desmorali-
zar o PFL e sua participa-
ção no Governo.

O PFL não exige a de-
missão de Dorany Sampaio
porque compreende que o
Presidente da República
tenha interesse político em
atender o governador de
Pernambuco, Miguel Ar-
raes. O que o partido dese-
ja é a respeitabilidade do
Ministro, considerado um
dos principais nomes do
PFL para o futuro. Para a
grande maioria dos consti-
tuintes do PFL, o Ministro
está certo em sua disposi-
ção de sair do Governo se o
superintendente da Sudene
não for devidamente en-
quadrado.

Maioria do PFL

abandona Sarney

O presidente José Sarney
deverá perder o apoio da
maioria parlamentar do
PFL no Congresso e na
Constituinte, principal-
mente em relação à políti-
ca econômico-fínanceira e
ao mandato de cinco anos.

A revelação foi feita com
exclusividade ao
CORREIO BRAZILIENSE

pelo deputado Gilson Ma-
chado (PFL-PE), depois de
participar de uma reunião
com os principais líderes
do partido, ontem à tarde.
Explica o parlamentar
que há na bancada pefelis-
ta generalizado sentimento
de revolta contra o presi-
dente Sarney, acusado de
ignorar as reivindicações
políticas de deputados e se-
nadores do partido, "en-
quanto mantém permanen-
te diálogo com os represen-
tantes do PMDB, com des-
taque para os chamados
xiitas, e os atende sem ex-
ceções".

SO OS MINISTROS

Segundo Gilson Macha-
do, a maioria da bancada
do PFL não se conforma

com a postura de Sarney.
— O presidente Sarney
precisa anotar em seus in-
dicadores políticos — afir-
ma Machado — o fato de

que houve no PFL, no que
diz respeito à bancada par-
lamentar, renovação da or-
dem de 65 por cento. E são
exatamente esses parla-
mentares trazidos pela re-
novação — maioria absolu-
ta da bancada — aqueles
que são tratados com o
maior desprezo.

Sustenta que Sarney só
dá ouvidos à bancada do
PMDB e aos ministros do
PFL, estes os únicos bene-
ficiários, segundo ele, des-
sa aproximação com o Go-
verno, pois também não
atendem às reivindicações

da maioria da bancada.
Cria-se, assim — diz Ma-
chado —, a impressão de
que, se as cúpulas apoiam o
Presidente, as bases tam-
bém o fazem, "o que não é
verdade".

EXEMPLOS

Como exemplo da falta
de apoio de Sarney, Gilson
Machado aponta o compor-
tamento do superintenden-
te da sudene, Dorany Sam-
paio, que só anuncia atra-
vés da liderança do PMDB
a liberação de recursos ou
a realização de obras. "Hà
casos èm que os prefeitos
de municípios eleitos pela
legenda do PFL são prete-
ridos nesse processo, em
favor]de algum vereador
do PMDB", denuncia.

Outjo exemplo por ele ar-
rolada é o do deputado Ri-
cardo Izar (PFL-SP). que
há sejs meses requereu au-
diência com o Presidente

da República e até agora
não foi atendido. Acusa,
igualmente, o líder do Go-
verno na Constituinte, Car-
los SanfAnna, de não con-
ceder a menor importância
aos pedidos da bancada pe-
felista.

DESMORALIZAÇÃO

A bancada do PFL, con-
forme Gilson Machado,
considera que o ministro do
Interior, Joaquim Francis-
co, está praticamente des-
moralizado, pois não conse-
gue demitir o Chefe de Ga-
binete do Superintendente
da Sudene, que o acusou
publicamente de ser aético.
Concluiu, então, que, nes-
sas circunstâncias, o presi-
dente Sarney não deve con-
tar com o apoio da maioria
da bancada do PFL para
sustentação de seu Gover-
no no Congresso e na Cons-
tituinte.

SanfAnna tem tática

para ampliar aliança
O

presidente Sarney
liberou o líder Car-
los SanfAnna e al-
guns dos seus amigos e
aliados a tentarem a arti-
culação de um grande
bloco de sustentação ao
Governo, em outros ter-
mos, a ampliação da
atual Aliança Democráti-
ca, mas desde logo adver-
tiu que não deseja entrar
em novos conflitos com os
seus atuais aliados, prin-
cipalmente o PMDB.

O Presidente fez essa
afirmação, em meio a
uma análise sobre as re-
lações do Governo com a
Constituinte e o Congres-
so, principalmente a res-
peito da Aliança Demo-
crática e dos seus proble-
mas com c^PMDB, ao lon-
go de um jantar que ofe-
receu a alguns dos seus
amigos, entre os quais o
líder Carlos SanfAnna e
vários deputados, como
George Viana, Marcus Li-
ma, Jorge Leite e Rober-
to Cardoso Alves, entre
outros.
O PLANO

O Presidente deixou
claro, nessa longa con-
versação, que SanfAnna
e seus amigos estão libe-
rados para tomar iniciati-
vas naquele sentido, ou
seja, com o objetivo de
ampliar a base de susten-
tação política e parla-
mentar do Governo, mas
sem comprometer a ele
diretamente. Sarney es-
pera prudentemente pe-
los resultados do traba-
lho, para então avaliar se

deve ou não nele se envol-
ver diretamente.
O líder SanfAnna já
promoveu vários encon-
tros para análises dos
problemas que enfrenta a
base de sustentação
política do Governo com
alguns dos seus colabora-
dores mais fiéis. Analisou
os problemas da Aliança
Democrática e, principal-
mente, do PMDB, con-
cluindo, junto a esses co-
laboradores, que é indis-
pensável formar o grande
bloco.

A idéia é formar um
grande bloco supraparti-
dário para defender cer-
tas posições com as quais
o Governo também se
identifica. 0 deputado Ro-
berto Cardoso Alves, um
dos colaboradores mais
ativos de SanfAnna, ex-
plica que não se trata de
bloco para defender o Go-
verno e sim para elaborar
uma Constituição moder-
na e democrática, ao esti-
lo das constituições de
países da Europa Ociden-
tal e o Japão.

— Desejamos reunir to-
dos os que acreditam na
social-democracia e, por-
tanto, na democracia ver-
dadeira, aquela que asse-
gura certas liberdades
fundamentais sem igno-
rar a preocupação com os
problemas sociais. São
democracias da Europa
Ocidental, nunca as cha-
madas democracias po-
pulares, como Hungria,
Romênia, Albânia. Polô-
nia, etc. — disse o deputa-
do.

O projeto de formação

do bloco suprapartidário
inclui, em primeiro lugar,
a organização de um colé-
gio de vice-líderes para
estruturar sistematica-
mente a liderança do Go-
verno — e, portanto, a sua
defesa no Congresso e na
Constituinte. Numa se-
gunda etapa, a ampliação
da Aliança Democrática,
a ela acrescentando-se o
reforço do PTB, PL, PDC
e políticos do PDS.
Constituído o novo blo-
co suprapartidário, seus
integrantes reivindicam
algumas posições, de
imediato, na alta admi-
nistração federal, como
presidências do BNDES,
Caixa Econômica Fede-
rai, Banco do Brasil,
Inamps, entre outros. To-
dos os programas execu-
tados por importantes ór-
gãos do Governo na área
social terão que passar,
necessariamente, pelo
crivo da liderança do Go-
verno, a qual ganharia
força e prestígio, segundo
os que conceberam essa
estratégia.

Uma vez concluída a
montagem desse bloco
suprapartidário. o líder
Carlos SanfAnna e seus
principais colaboradores
exigiriam do Presidente
da República uma refor-
ma ministerial de forma
a reservar para seus re-
presentantes três ou qua-
tro ministérios. Esta é,
pelo menos, a estratégia
que já foi discutida entre
SanfAnna e seus amigos
e colaboradores mais
chegados.

PTB aceita bloco, mas

não de apoio ao Governo

O PTB aceita formar um
bloco de centro moderado
para atuar na Constituinte,
mas rejeita a tese de se ali-
nhar num bloco de susten-
tação do Governo porque
seria, segundo definiu o de-
putado Roberto Jeferson
(RJ), "o mesmo que ga-
nhar um camarote de luxo
num navio que está afun-
dando". A idéia entre os pe-
tebistas é de que eles de-
vem se unir para impedir
que a nova Carta seja de
esquerda ou de direita,
mas por questões ideológi-
cas e doutrinária, e não por
fisiologia.
Apesar de comungar des-
se pensamento, o lider Gas-
toneRighi (SP) admite que
gostaria de receber do Go-
verno um ministério para
se integrar à Aliança De-
mocrática. Mas só interes-
saria se fosse uma pasta
que viabilizasse a aplica-
ção integral do programa
do PTB.
O deputado Arnaldo Fa-
ria de Sá (SP) não deseja
participar de um bloco de
sustentação do Governo
porque isso, na sua opinião,
corresponderia a resolver o

Sarney não

quer decisão

precipitada
O presidente José Sarney
não deseja que as decisões
sobre o tempo de seu man-
dato e sobre o sistema de
Governo sejam tomadas de
forma "emocional e preci-
pitada". Foi o que disse on-
tem o ministro-chefe do
Gabinete Civil da Presidên-
cia, Ronaldo Costa Couto,
ao deputado Jorge Leite
(PMDB/RJ), ao fazer uma
análise sobre a situação
atual da política nacional.
Depois de explicações de
Costa Couto, Jorge Leite
disse que tem certeza da
serenidade do Governo,
mas argumentou que a di-
visão do PMDB, ocorria no
último domingo com a
prorrogação da decisão do
mandato do presidente Sar-
ney para a Assembléia Na-
cional Constituinte, forçou
o Governo a procurar apoio
em outros partidos políti-
cos, como o PDS, PDC,
PTB, PL entre outros que
queiram dar apoio.

problema pessoal do presi-
dente José Sarney, mas
aceita a tese da formação
de uma frente parlamentar
que discuta os problemas
da Constituinte. Contudo,
exige que se esqueça o fi-
siologismo, "porque nâo
quero um emprego do Pa-
lácio do Planalto, e sim
sentar para conversar com
os demais constituintes".
Nenhum petebista fez
exigências a respeito de
concessões do Palácio do
Planalto para a participa-
ção num bloco constituinte,
aieqando que isso repre-
senta a busca de atuação
política, capaz de assegu-
rar a aprovação em plenâ-
rio das teses de consenso.
Apenas José Elias Murad
(MG) comentou que se o
Governo desse meios ao
partido de viabilizar suas
teses sociais gostaria de
participar dele.
Joaquim Bevilacqua
(SP) chama o bloco de in-
terpartidário e acredita
que ele se concretizará pa-
ra negociar na Constituinte
as teses que unem os parti-
dos e até os pontos polêmi-
cos, mas não crê que o PTB

•se enamore de nada próxi-
mo à participação no Go-
verno da Nova República.
Ele também se incomoda
com a possibilidade de, de-
fendendo tal ponto de vista,
se ver próximo da idéia do
líder Carlos SanfAnna, que
no dia anterior fez a prega-
ção dessa união, embora
desejando que depois elá se
transformasse no bloco de
sustentação do Governo.
Já a deputada Tutu Qua-
dros (SP) defende o bloco
porque acha que os parti-
dos estão muito divididos e
os políticos naturalmente
acabam se aglutinando por
causa de idéias. Mas ela
ach a qu e isso exist e oe**««= •>

primeiro dia da instalação
da Assembléia Nacional
Constituinte e sem que os
petebistas tenham exigido
nada do Governo, como de-
vem permanecer.
Alegando sua condição
de moderado, o deputado
Roberto Jeferson disse que
aceita o bloco constituinte
de centro-progressista.,
pois esse é o único caminho
de viabilizar as teses mode:
radas e majoritárias na As-
sembléia.

Rosenmann diz que
racha é inevitável
Contrariando as mais di
versas avaliações da con-
venção nacional do PMDB,
o deputado Max Rosen-
mann (PMDB-PR) sur-
preendeu ontem, os meios
políticos, em Brasília, ao
admitir que o racha do par-
tido, logo após os trabalhos
da Constituinte, é inevitá-
vel. Ele fundamentou a sua
previsão no resultado do
encontro entre os conven-

cionais, no último final de
semana que, segundo ele,
"simplesmente prorrogou
um pouco mais uma divi-
são irreversível".

Rosenmann previu, ain-
da, o aparecimento de blo-
cos de apoio ao Governo e à
Assembléia Nacional Cons-
tituinte. Um, como denomi-
nou, "multipartidário mo-
derado" e que trabalhará
unido a nível de Constitui-
ção. Este grupo, conforme?
salientou, nâo será neces-
sariamente o mesmo que
dará sustentação ao presi-
dente, mas poderá agre-
gar, inclusive, integrantes

do PDS. O outro bloco pre-
visto por Rosenmann será
de apoio ao Presidente, a
nível de Governo.
O deputado constituinte
acha também que a con-
venção do PMDB determi-
nou que o senador Mário
Covas, líder do partido na
Constituinte, dificilmente
será apontado pelo PMDB
como candidato à Presi-
dência da República, ja
que configurou uma posi-
ção de radical esquerda e
que, portanto, não conse-
guirá aglutinar as forças
do partido. Lembrou, en-
tretanto, que o senador Jo-
sé Richa, que não é favori-
to, deverá crescer "porque
consegue unir todas as for-
ças partidárias". Não des-
cartou a possibilidade de
polarização entre os gover-
nadores, destacando Ores-
tes Quércia, de São Paulo,
e Álvaro Dias, do Paraná,
"que poderão, também, se
tornar candidatos
PMDB à Presidência
República".

do
da

Covas reclama de

crítica de Lourenço

O líder do PMDB na
Constituinte, senador Má-
rio Covas (SP), não gostou
do líder do PFL, deputado
José Lourenço (BA), tê-lo,
comparado ao presidente
do PMDB, deputado Ulys-
ses Guimarães (SP), na
disputa por cargos fisioló-
gicos no Governo.

Covas telefonou a Lou-
renço afirmando que não
tem, nem pretende ter,
qualquer protegido no Go-
verno. O único que ele indi-
cou, para superintendente
da Receita Federal em São
Paulo, apesar de todos os
méritos (concursado etc)
foi desnomeado por ser seu
amigo.

Lourenço até compreen-
deu a reação de Covas, po-
rém acentuou que, achava
o PMDB estranho, com
uma parte atacando o Go-
verno e outra explorando-o

"todos mamando nas tetas
oficiais, como Rômulo e
Remo na loba romana".

As divergências entre
Covas e Lourenço são mui-
to antigas. Começaram
desde que o PMDB elegeu o
senador o seu líder na
Constituinte por achar que
o líder na Câmara, deputa-
do Luiz Henrique (PMDB-
SC), estava sendo massa-
crado pelo líder do PFL.
Covas tentou enquadrar Jo-
sé Lourenço em vários de*'
bates, o que provocou, sem-
pre, um clima tenso. Ape-
sar de reconhecer a hones-
tidade do lider do PMDB,
Lourenço tem dito que não
há porquê Covas se julgar
mais parlamentar que os
outros.

"Ele até nem é mais alto
do que eu" — comenta
sempre Lourenço em tom
de brincadeira.